

Fernando Pessoa

A psicologia de qualquer ente humano, como de qualquer agrupamento. . .

A psicologia de qualquer ente humano, como de qualquer agrupamento to deve orientar-se no facto seguinte: de que cada espírito, pessoal ou colectivo, tem duas vidas e um aspecto geral proveniente da síntese dessas vidas: a vida que vive para si, a vida que vive para os outros e o modo como estas duas se relacionam, distinguem, penetram ou (. . .) na formação do indivíduo psíquico. Há em todo o homem — e em toda a sociedade — um instinto materialista e um instinto idealista, interior. Quem passeia, quem passa a vida mesmo entre portugueses, alemães, ingleses — fechando-se para a sua literatura popular ou elevada — não poderá nunca compreender ou conhecer isto, que é um facto certo — de que em cada português, alemão, inglês há, mas não visivelmente e para o exterior, aquele sent[iment]o que um Camões, um Goethe, um Shakespeare traz a público.

Os homens de génio são os representantes dessa alma íntima dos povos; falam alto o que a si mesma a dispersa alma nacional segreda no divino silêncio do ser.

Dado pois que a literatura nada mais é que a voz do subconsciente nacional, oralizado em certos e determinados indivíduos que a natureza investe — por que obscuras leis sociológicas não sabemos ainda — de poder representativo; dado isto, (. . .)

O génio militar, o génio científico não podem ser pois representativos; não são funções da actividade interior, mas do exterior, ou na sociedade (. . .).

Fernando Pessoa

The psychology of any human, like any group...

The psychology of any human, like any group, should guide itself in the following fact: each spirit, personal or collective, has two lives and a general aspect that comes from a synthesis of those lives: the life that you live for yourself, the life that you live for others and the way that these two connect, distinguish, penetrate or (. . .) in the formation of the psychic self. There is in all Men — and in all society — an inner material and idealist instinct. Those who travel, those who spend their lives between Portuguese, Germans, British — reserving themselves for popular or widely held literature — may never get to understand or know this, that is a certain fact — from each Portuguese, German, British, there is, but not visibly and externally, that feeling that a Camões, a Goethe, a Shakespeare brings to the public.

Men from wisdom are the representatives of the people's intimate soul; they speak loudly what the national soul itself secrets in the divine silence of the being.

Given that, literature is nothing more than the voice of the national subconscious, verbalising in certain individuals that nature invests — for dark sociologic norms that we do not know — the representative power; given that, (. . .)

Nem, das artes, é representativo para o psicólogo, quer as artes da visão (arquitectura, escultura, pintura) nem a música. E não o são porque representam parte da alma nacional, não essa alma íntima e completa.

A arquitetura dum povo pode dizer-nos se esse povo ama o grande e o sublime; mas isso também a sua poesia alto [?] dirá. A pintura e escultura dum povo podem inteirar-nos do amor da forma, da beleza, da cor que caracterizam essa nação; mas isso também na sua poesia poderá ser visto. A música que os compositores desse país produzem inteirar-nos-á de se esse povo é de ânimo alegre ou triste, d'este ou daquele modo triste, alegre d'este ou desse modo; mas isso também a poesia dum povo mais íntima, mais (. . .), mais explicativamente dirá.

As artes inferiores dão luzes sobre esta ou aquela qualidade do sentir, do pensar desse povo; mas nenhuma delas sabe *todas* essas qualidades, sabe as suas anti-relações.

É fácil achar a analogia que fixe a significação do que dizemos. As artes da visão serão [?] como os gestos dum indivíduo — forte, nítida e insuficientemente representativos do que sente ou pensa, e nada mesmo das nuances íntimas do que pensa e sente. A música — essa é como a expressão física, mais perto da alma do que o gesto; mais directamente vinda dela do que a própria palavra mas na sua imensa expressão, nada representativa, nada distinta e analítica. A palavra — a palavra sim. N'ela brota, com as suas íntimas qualidades, com as suas contradições, (. . .) interna, íntima e (. . .) a alma do indivíduo. Ela, sim, revela tudo. O gesto, a expressão simbolizam a alma. A palavra é a própria alma, manifestando-se o mais materialmente que o pode fazer o que, de natureza, o não é.

The military genius and the scientific genius cannot be representative; they do not have functions of internal activity, but external, or in society (. . .).

Nor the arts are representative of psychology. Neither vision arts (architecture, sculpture, paintings) nor music. And they are not such because they do not represent the national soul, not that intimate and complete soul.

The architecture of the population can tell us if that population loves the big and the marvellous; but for that, also their poetry will tell. Paintings and sculptures from a population can let us see the love for the form, the beauty, the colour that characterises that nation; but for that, also their poetry will tell. The music that composers of that country produce, will let us feel if that population is of happy or sad cheering, this or that sad cheering, this or that happy cheering; but for that, also their most intimate poetry will explicitly tell.

The lower arts light up this or that feature of *feeling*, of thinking, for that population; but none of them will know *all* those qualities, all those anti-relationships.

It is easy finding the analogy that fixes the meaning of what we say. The arts of the vision will be like gestures of an individual — strong, clear and insufficient representative of what it thinks and feels. The music — it's like a physical expression, closer to the soul than to the gesture; more directly coming from it, than from the word itself, but from its immense expression, nothing is representative, nothing distinct and analytic. The word — the word, yes. In itself grows, with intimate qualities, with its contradictions, (. . .), internal, intimate and (. . .) the soul of the individual. The word, yes, reveals everything. The gesture and the expression symbolise the soul. The word is the soul

itself, manifesting in the most material way what it can do what, in nature, it can't.

n.d.

Pessoa por Conhecer — Textos para um Novo Mapa. Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa, 1990:46.

«History of a Dictatorship»

Available at <http://arquivopessoa.net/textos/2516>

Translator notes

Fernando Pessoa is one of the most renowned writer from Portuguese literature (and my favourite poet from all times). Famous for his many heteronyms, Pessoa's texts (either creative or reflective) contain such a rich and **complex** language that any reader feels inside of a tornado of ideas, feelings, opinions, facts, etc. Reading Pessoa is not easy task and translating is even less so. It requires a high level of focus and keenness .

This specific essay is part of an unfinished book project named "History of a Dictatorship" (1909/1910). Many of Pessoa's essays like this one remain unknown, unfinished and unpublished. Please be aware all these unpublished materials (and there are so many!) have been digitalised for easy access and therefore might contain gaps on the content.